

O «saque de Évora»  
no contexto  
da Guerra Peninsular  
Memória, história e património

Fernando Martins  
e Francisco Vaz (coords.)



CIDEHUS

## CAPÍTULO 9

### GEOFFROY DE SAINT HILAIRE E O SAQUE DAS COLECÇÕES E MUSEUS EM LISBOA (1808)

---

João Carlos Brigola  
(CEHFCi)

A existência de metais nobres e de pedras preciosas nas colecções dos museus de história natural, ainda que circunscritos à exibição e estudo científico enquanto espécimes mineralógicos raros, sempre aguçara cobiças alheias detectáveis nos roubos frequentemente noticiados. Contudo, quando a balança da Europa se inclinar para o lado da diplomacia agressiva e, finalmente, para a guerra e para as invasões assistiremos ao crescente fenómeno, não já do assalto individual, escondido e anónimo, mas do esbulho organizado de colecções, gabinetes, *ménageries* e museus enquanto política de Estado.

Em Novembro de 1803, o Ministro do Reino – o Visconde de Balsemão, ele próprio, naturalista e coleccionador – em nome do Príncipe Regente notificava Domingos Vandelli para que entregasse ao embaixador de França, o General Jean Lannes (1769-1809), uma extensa lista de produtos, entre os quais “Collecções (...) das Minas de Ouro do Brasil, e das Pedras preciosas do mesmo”<sup>1</sup>.

Depois, ao tempo da primeira invasão napoleónica, mesmo antes da chegada a Lisboa do comissário Saint-Hilaire – mais atraído, como veremos, pelas riquezas naturais que faltavam ao *Muséum* parisiense – já o Museu da Ajuda tinha sido visitado por um cunhado de Junot em busca

---

<sup>1</sup> *Carta do Visconde de Balsemão a D. Vandelli (17 de Novembro de 1803)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL. General Jean Lannes, duque de Montebello, marechal de França. Em Lisboa desde 2 de Maio de 1802. Seria substituído em 1804, por Junot. A documentação da época sobre a acidentada passagem deste embaixador por Portugal é abundante (viajantes estrangeiros, relatórios da Intendência de Polícia, periodismo, memórias, etc.).

O “*Saque de Évora*” no Contexto da Guerra Peninsular. *Memória, História e Património*, Lisboa, Edições Colibri / CIDEHUS – Universidade de Évora, 2010, pp. 179-192.

de preciosidades, afinal inexistentes: "O Museu escapou à pilhagem de Chuffre (...) que, tendo notícia nele haver folhetas e barras de ouro, e supondo também porção de diamantes, nos primeiros dias da sua chegada o foi visitar, mas ficou lograda a sua cobiça; porque os diamantes são pequenos e não são mais de nove, e as folhetas e barras de ouro, precavendo o saque, as entreguei a VAR em dois saquinhos, na véspera da sua partida; pelo que o Chuffre não sendo curioso das outras produções naturais, não voltou"<sup>2</sup>.

A natureza imperial do país aliada a um tradicional desconhecimento dos seus recursos naturais, metropolitanos e coloniais, concitara uma geral curiosidade e expectativa internacional face à criação e condução (a partir da década de sessenta) dos estabelecimentos museológicos lusitanos a cargo de Domingos Vandelli, um naturalista proveniente de Pádua de reconhecido prestígio e respeitabilidade que lhe advinha da condição de correspondente de Lineu. O Director do Jardim Botânico e Gabinete de História Natural da Ajuda não frustrou as expectativas alimentadas entre amadores, sábios e instituições académicas e científicas, num espectro geográfico que poderíamos com propriedade designar de *Europa das Luzes* (da Península Ibérica à Rússia), mantendo uma activa relação epistolar com mais de quarenta personalidades de onze nacionalidades diferentes<sup>3</sup>. Esta absorvente tarefa seria socialmente merecedora de distinção e aplauso, a tal ponto que aparece explicitamente nomeada (em defesa da sua ofendida honra profissional) como tendo ele empregue o seu tempo de permanência entre nós – desde 1764 – "entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo"<sup>4</sup>, ao nível do magistério universitário, da criação e direcção de museus e jardins botânicos, da preparação de *naturalistas-viajantes*, e do apoio à fundação da Academia da Ciências.

A internacionalização das relações científicas e museológicas, institucionalmente cumprida pelo Director do complexo da Ajuda, não pode ser omitida quando avaliados os contributos nacionais para a formação do campo disciplinar da história natural setecentista. Daí que a participa-

<sup>2</sup> (*Carta de Domingos Vandelli ao Príncipe Regente D. João (17 de Setembro de 1808)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 279).

<sup>3</sup> É necessário lembrar que a maior fatia documental se encontra depositada no Arquivo Histórico do Museu Bocage (Museu Nacional de História Natural) o qual, em 1978, sofreu um incêndio que consumiu alguma desta correspondência, sobretudo a que se reportava aos anos noventa (Cfr. W. J. Simon, *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteenth Century*, 1983). Donde, se poder concluir que o universo de correspondentes seria ainda mais alargado.

<sup>4</sup> *Dois panfletos anónimos contra Brotero* (27 de Abril e 3 de Maio de 1803), BPE, Cod. CIX /1-18, P. 35, fls. 158 a 177.

capou à pilhagem de barras de ouro, e os dias da sua chegada que os diamantes são barras de ouro, preciosos, na véspera da sua das outras produções

ional desconhecimentos, concitara uma criação e condução (a museológicos lusitanos veniente de Pádua de vinha da condição de Botânico e Gabinete de plantas alimentadas entre científicas, num espectro ignorar de *Europa das* na activa relação epistémica nacionalidades diferenciadora de distinção nomeada (em defesa da empregue o seu tempo dando as correspondentes nível do magistério jardins botânicos, da fundação da Academia

museológicas, instituída da Ajuda, não pode ser mais para a formação de. Daí que a participa-

(Setembro de 1808), ANTT,

depositada no Arquivo Histórico qual, em 1978, sofreu um dano a que se reportava aos *Portuguese overseas territories immunity of the late Eighteen* correspondentes seria ainda

(de 1803), BPE, Cod. CIX

ção dos nossos naturalistas não possa ser reduzida à produção teórica de modelos explicativos – área em que nações periféricas, como as peninsulares, se não distinguiram – mas necessariamente alargada à circulação e divulgação quer de instrumentos intelectuais do conhecimento (informações sobre novas espécies, pareceres científicos, notícias sobre publicações e actividades de museus e jardins, etc.), quer de objectos naturais exóticos imprescindíveis à construção do grande *Catálogo da Natureza* e à afirmação de novos paradigmas disciplinares. Deste modo se cumpria o papel desempenhado pelos estabelecimentos da Ajuda na tendência então iniciada de *mundialização da Ciência*, como acentua um autor que sinaliza bem o lugar de Lisboa na comunidade científica de finais de setecentos: “From this correspondence it can be seen that the Ajuda Palace Gardens served as a clearing house or entrepôt between Portugal, its Overseas Territories and northern Europe. The Vandelli papers (...) demonstrate the connections maintained with other European institutions and individuals concerned with exchanging specimens and seeds only obtainable from Africa or Brazil. Lisbon was the vital intermediary for northern European naturalists who wanted to study rare specimens from tropical Brazil or Africa”<sup>5</sup>.

No decorrer do período abarcado pela nossa análise – do post-pombalismo à pilhagem perpetrada por Saint-Hilaire – mantêm-se os temas presentes na correspondência vandelliana dos anos sessenta e setenta, num pano de fundo em que prevalece a prática de reciprocidade e colaboração entre personalidades e instituições. Estes valores, exaltados como invioláveis pela comunidade de *savants* mesmo numa Europa já dilacerada pela guerra revolucionária, só serão interrompidos em 1808 (no caso português) quando à tradicional permuta se sobrepuser a estratégia do saque organizado pelo Estado napoleónico, com a interessada participação dos seus mais ilustres cientistas<sup>6</sup>. As vantagens de um intenso intercâmbio científico com Lisboa são incessantemente recordadas pelos mais diversos correspondentes de Vandelli.

A análise desta abundante correspondência com personalidades e instituições – Real Jardim Botânico de Madrid; Jardim do Rei e Sociedade Real de Agricultura, em Paris; Jardim da Universidade de Montpel-

<sup>5</sup> W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 51.

<sup>6</sup> O filho de Geoffroy Saint-Hilaire, Isidore, em obra panegírica dirá que o pai pautava o seu comportamento por uma máxima: “Il se posa pour règle de conduite cette maxime. Les sciences ne sont jamais en guerre” e citava o caso do General Kleber, chefe do exército no Egipto que, sabendo que Geoffroy mantinha correspondência com o inglês Joseph Banks, lhe terá dito: “Je vois cette correspondance avec satisfaction; ce commerce réciproque de lumières est important pour la science, et les guerres politiques ne doivent jamais l’interrompre” (Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, *Vie, travaux et doctrine scientifique d’Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*, 1847, p. 171).

lier; Jardim Real de Kew e Royal Society, em Londres; Academia das Ciências de Bolonha; Jardim Botânico de Vicenza; Jardim Botânico e Museu de História Natural de Turim; Jardim e Museu de História Natural do Eleitor do Palatinado, em Florença; Universidade de Amsterdão; Universidade de Viena de Áustria; Sociedade Económica de Saxe, em Leipzig; Universidade e Jardim Botânico de Copenhague; Museu da Universidade de Upsala; Real Sociedade Patriótica de Estocolmo; Museu do Imperador da Rússia e Academia Imperial de Petrogrado – permite traçar um quadro de solicitações muito amplo que vai desde o pedido para que o "Jardim de Sua Magestade Fidelíssima" forneça uma espécie floral bastante rara à colecção botânica de um jardim da aristocracia inglesa ou para que o Museu envie para a Escandinávia "toutes les differentes mines et pierres qui on tire du Portugal et de ses riches possessions [sic] dans les deux Indes"<sup>7</sup>. Há finalmente um significativo caso de correspondência científica elevada a política de Estado, em que os protagonistas mais visíveis são governantes e diplomatas. A passagem por Portugal dos naturalistas alemães Heinrich Friedrich Link e Hoffmannsegg, numa viagem filosófica que se prolongaria de 1797 a 1800<sup>8</sup>, haveria de deixar indeléveis marcas nas suas vidas e nas suas obras, aproximando-os intelectual e afectivamente de Portugal<sup>9</sup>. Link, com a aclamada parceria botânica de Brotero, aqui recolheu material e informações vegetalista com que haveria de desenhar a sua monumental e muito bela *Flore Portugaise (1809-1820)*<sup>10</sup>.

O Conde Jonhann-Centurius Von Hoffmannsegg (1766-1819), por seu lado, manterá uma viva ligação científica a Portugal que lhe valerá alguns excepcionais privilégios, o maior dos quais terá sido a abertura de uma porta até então interdita a estrangeiros: "Foi o primeiro Estrangeiro, a quem em Portugal se permittio mandar ao Pará Sieber<sup>11</sup>, seu Ajudante. Este Naturalista demorou-se oito annos no Brazil, e o producto da sua

<sup>7</sup> Carta de André Christofferson a Júlio Mattiazzi [Domingos Vandelli] (Estocolmo, 24 de Novembro de 1789), AHMB, CE/C-24. Identifica-se como médico do rei da Suécia.

<sup>8</sup> Link, "rappelé à ses devoirs par la place qu'il occupe, ne put s'arrêter plus long-tems en Portugal" e regressa à Prússia na Primavera de 1799. Quanto ao conde de Hoffmannsegg (do reino do Saxe), "mâitre de ses loisirs", manter-se-á em Portugal até Setembro de 1800<sup>8</sup>.

<sup>9</sup> Um dos mais credíveis livros de viagem a Portugal, no séc. XVIII, é precisamente o que Link escreveu, em três volumes: *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1º e 2º ts., 1803, 3º t., 1805. Existe igualmente uma versão inglesa.

<sup>10</sup> *Flore Portugaise ou description de routes les plantes qui croissent naturellement en Portugal avec figures coloriées, cinq planches de terminologie et une carte par J. C. de Hoffmannsegg ancien officier aux gardes du corps de Sa Magesté le Roi de Saxe*. Obra em 2 tomos.

<sup>11</sup> Franz-Wilhelm Sieber viajará igualmente pelo Egipto, Palestina, África do Sul e 'Nova-Holanda'. O seu nome foi conservado na nomenclatura botânica, no género *Ombellifera*, designada *Sieberia*.

es; Academia das  
rdim Botânico e  
de História Natu-  
de de Amsterdão;  
nica de Saxe, em  
ague; Museu da  
ica de Estocol-  
cial de Petrogrado  
lo que vai desde o  
ima" forneça uma  
jardim da aristo-  
dinávia "toutes les  
de ses riches pos-  
t significativo caso  
stado, em que os  
s. A passagem por  
Link e Hoffman-  
7 a 1800<sup>8</sup>, haveria  
ras, aproximando-  
a aclamada parce-  
nações vegetalistas  
tito bela *Flore Por-*

; (1766-1819), por  
igal que lhe valerá  
sido a abertura de  
meiro Estrangeiro,  
er<sup>11</sup>, seu Ajudante.  
o producto da sua

elli] (Estocolmo, 24 de  
o rei da Suécia.

r plus long-tems en Por-  
de de Hoffmanssegg (do  
setembro de 1800".

precisamente o que Link  
1799, 1º e 2º ts., 1803,

ellement en Portugal avec  
le Hoffmanssegg ancien of-  
mos.

África do Sul e 'Nova-  
, no género *Ombellifera*,

Expedição fórma grande parte do Museu de História Natural da Univer-  
sidade de Berlim, e da Collecção entomologica do Conde Hoffmansseg,  
preciosa pela sua riqueza e pelo seu arranjo systematico"<sup>12</sup>.

O núcleo mais numeroso e persistente dos correspondentes do  
Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda é francês (Seguier,  
Cusson, Gouin, Thouin, Nolin, Renault, Broussonet, Heritier, Jussieu e  
Gerard) e provém fundamentalmente dos seus mais prestigiados centros  
de investigação naturalista como os parisienses Jardim das Plantas  
(Muséum d'Histoire naturelle a partir de 1793) e Sociedade Real de  
Agricultura, ou o Jardim Botânico da Universidade de Montpellier. Tal  
facto necessita de ser devidamente enfatizado como fundamento docu-  
mental à ideia que deixámos acima apenas enunciada, isto é, a de que a  
convivência entre as duas comunidades científicas se pautou durante  
décadas pelo mais escrupuloso respeito das regras de respeito mútuo e  
pela prática do intercâmbio de informações, de serviços e de produtos.  
Este quadro será radicalmente alterado quando, por iniciativa dos profes-  
sores-administradores do *Muséum d'Histoire naturelle*, o ministro do  
Interior francês Emmanuel Crétet (1747-1809)<sup>13</sup> – depois de obtida a  
imediate anuência do próprio Bonaparte – enviar a Lisboa uma missão  
chefiada por um dos mais brilhantes naturalistas do seu tempo, e já então  
(noutro registo da sua biografia) com prestantes provas dadas no saque  
artístico e científico do Egipto<sup>14</sup>. Investido da autoridade de 'Comissá-  
rio', e acobertado pela força invasora comandada por Junot, Étienne  
Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) cumprirá com minúcia profissional  
o programa de que vinha cometido: seleccionar, acondicionar e remeter  
para França todos os espécimes naturais (e a respectiva documentação  
escrita e iconográfica disponível) em falta nas colecções parisienses. Ou

<sup>12</sup> [José Feliciano de Castilho], *Instrução para os viajantes (...) e precedida de algumas reflexões  
sôbre a historia natural do Brazil, e estabelecimento do museu e jardim botânico em a Côrte do  
Rio de Janeiro*, 1819, p. XXIV.

<sup>13</sup> Conde de Champmol, conselheiro de Estado depois do 18 do Brumário, governador do  
Banco de França (1806) e ministro do Interior (1807). Para uma informação mais circuns-  
tanciada sobre os 'motivos' franceses que envolveram esta 'missão', consulte-se: Etienne  
Geoffroy Saint-Hilaire, *Note sur les objets d'Histoire naturelle recuillis en Portugal*, 1808;  
Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, *Vie, travaux et doctrine scientifique d'Étienne Geoffroy Saint-  
-Hilaire*, 1847; E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal  
(1808). Histoire et documents*, 1908; Y. Laissus, *Catalogue des manuscrits d'Étienne Geoffroy  
Saint-Hilaire*, 1972; Jacques Daget e Luiz Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises  
du XIX e siècle*, 1989.

<sup>14</sup> Saint-Hilaire partiu de Toulon a 19 de Maio de 1798 para a expedição ao Egipto, onde  
chegará em Julho, regressando em Setembro de 1801. "Durant ces trois années il a fait une  
importante provision d'observations et des travaux scientifiques. De nombreuses publica-  
tions résultent de cette expédition qui ne fut ni sans péril, ni sans gloire pour Geoffroy" (J.-  
-L. Fischer, *Chronologie sommaire de la vie et des travaux d'Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*,  
1972, p. 294).

seja, obter numa única incursão – a partir de uma posição de domínio político e militar – um cobiçado património científico e museológico de proveniência tropical, impossível de adquirir pelos métodos normais utilizados em tempo de paz<sup>15</sup>.

Que justificações mais ou menos desculpabilizadoras se tenham depois formulado, ao longo dos anos – alegando uma atitude de generoso serviço prestado à *Ciência* e a um Museu mal organizado e pior dirigido<sup>16</sup> – não pode, todavia, esconder o essencial deste lamentável episódio: a condenável convivência da elite naturalista francesa com a depredação de recursos nacionais alheios<sup>17</sup>, resultado de uma política internacional baseada no princípio do *droit du vainqueur* e no conceito de 'espólio universal'<sup>18</sup>. A expressa deferência dos sábios franceses face ao desempenho administrativo-científico de Vandelli e à importância de Lisboa como entreposto naturalista de produtos exóticos pode ser comprovada pela correspondência iniciada logo nos inícios dos anos setenta, através de várias cartas longamente escritas em Latim pelo doutor em Medicina e professor de Botânica em Montpellier, Pierre Cusson, contendo extensas listas de espécies florísticas que esperava obter das permutas com a Ajuda, bem como o pedido de informações botânicas sobre variedades peninsulares de plantas medicinais de que era especialista (em especial as *Umbelliferae*), tendo em vista a publicação de trabalhos científicos<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> "Le Muséum d'Histoire naturelle ayant été jusqu'à ce jour privé de relations avec le Brésil, c'est aux productions de ce pays que M. Geoffroy devra s'attacher de préférence. En général son choix portera sur les productions en minéraux, végétaux et animaux de toutes sortes qui manquent au Muséum d'Histoire Naturelle ou qui n'y existent que dans un degré d'infériorité peu digne de ce bel établissement" (*Instructions adressées par le ministre (9 de Março de 1808)*, apud E.-T. Hamy, *ob. cit.*, 1908, p. 29).

<sup>16</sup> Vide Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, *Vie, travaux et doctrine* ..., 1847, p. 82 e J. Daget e L. Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*, 1989, p.19.

<sup>17</sup> Vide Carlos Almaça, *Alexandre Rodrigues Ferreira e a exploração histórico – natural do Brasil*, 1992, p. 54; J. V. Barbosa du Bocage, *Instruções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, 1862; J. Bethencourt Ferreira, *Museu de historia natural. A invasão francesa e Geoffroy Saint-Hilaire. (A propósito dum artigo do professor R. Blanchard)*, 1907; idem, *A missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808. Documentos para a história do Museu Nacional de Lisboa*, 1923; Pedro de Azevedo, *Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa, 1919-1920*; e Augusto da Silva Carvalho, *A vinda de Geoffroy Saint-Hilaire a Lisboa*, 1930.

<sup>18</sup> "Este principio del expolio universal nunca fue cuestionado en Francia y la única regla a la que se sometió fue la de la discrecionalidad del emperador y de sus parientes o la conveniencia política – pues había lugares en los que a Napoleón no le interesaba presentarse como un vándalo. Fue más tímida en el Piamonte, Sajonia o Nápoles o más ofensiva en Alemania, Austria y, finalmente, España." (María Bolaños, *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, 1997, p. 142). Vide também Dominique Poulot, *Musée, nation, patrimoine. 1789-1815*, 1997, pp. 215-227.

<sup>19</sup> *Cartas de Pierre Cusson* (23 de Setembro de 1770; 5 de Fevereiro de 1772; 10 de Junho de 1776), AHMB, CE/C -25, -26, -27, e F. J. Puerto Sarmiento, *La ilusión quebrada. Botánica, sanidad y política científica en la España ilustrada*, 1988, p. 180.



sição de domínio e museológico de todos normais uti-

doras se tenham itude de generoso e pior dirigido<sup>16</sup> ntável episódio: a a depredação de ica internacional o de 'espólio uni- e ao desempenho de Lisboa como comprovada pela tenta, através de r em Medicina e ontendo extensas itas com a Ajuda, riedades peninsu- special as *Umbel-* cos<sup>19</sup>.

relations avec le Brésil, préférence. En général lux de toutes sortes qui is un degré d'infériorité (9 de Março de 1808),

7, p. 82 e J. Daget e L. p.19.

órico - natural do Bra- modo de colligir, prepa- Bethencourt Ferreira, aire. (A propósito dum int-Hilaire em Espanha 'stória do Museu Nacio- Lisboa, 1919-1920; e , 1930.

cia y la única regla a la s parientes o la conve- interesaba presentarse oles o más ofensiva en le los museos en España. nique Poulot, *Musée*,

1772; 10 de Junho de sión quebrada. *Botáni-*

Depois, no seu encaço segue outro docente da Escola Médica, Director do Jardim Botânico universitário e ictiólogo de renome, Antoine Gouan (1733-1821)<sup>20</sup>, que recorrerá aos préstimos de alunos brasileiros - desde sempre atraídos à cidade gaulesa pela fama dos estudos médicos - para facilitar a correspondência com a Ajuda<sup>21</sup> e que se propõe intercambiar plantas secas para enriquecer os herbários de ambos os jardins: "Je desire ardemment des plantes seches de vos environs et de tout le Portugal (...). Daillieurs si vous avés mês ouvrages botaniques vous verrés quelles sont celles que vous pouvés m'envoyer et qui me manquent. (...) Je travaille a mon second volume d'observations botaniques in folio avec estampes, et j'ose vous assurer que vous y aurés un exemplaire dés qu'il sera imprimé. Vous y aurés beaucoup de plantes pyrenéenes seches pour votre herbier. (...) Je désire surtout toutes les plantes nouvellement découvertes par vous, dans tous les genres et familles ou classes"<sup>22</sup>.

De Paris chega uma primeira carta, em 1779, assinada pelo "Abbé Nolin Directeur general des pepinières et jardins de S. M. tres chretienne". Em boa verdade não se trata propriamente de correspondência com a Ajuda, mas antes de uma resposta (de resto não de todo simpática, a roçar a arrogância) a uma iniciativa de Vandelli sobre as colecções particulares de D. Pedro José de Noronha, Marquês de Angeja, de que o paduano também era curador.<sup>23</sup> Por isso, datemos com mais precisão o início das trocas epistolares com o *Jardin des Plantes* a partir da carta de G. G. Renault, expedida em Abril de 1783. Ela cumpre exactamente esse papel de iniciadora de contactos, de abertura de portas pessoais e institucionais, propondo sociabilidades sem limites de fronteiras nacionais. Apresenta, além do mais, o acrescido interesse de situar no tempo o início dos contactos com a figura que durante anos será o rosto visível da velha instituição botânica parisiense, o Jardineiro-Chefe Thouin<sup>24</sup>: "Procurant une correspondance mutuelle entre votre jardin de Botanique et celui de France: c'est avec Monsieur Thouin que je vous propose de communiquer, s'il ne vous fut connu déjà, par plus d'un juste titre, j'aurais eu la satisfaction de vous parler de son mérite, mais comme il est au dessus de toutes éloges, il me suffit de vous prévenir, d'une grande

<sup>20</sup> Gouan ocupará estes cargos até 1803, data em que será substituído por Broussonet, seu antigo discípulo (Cfr. Jean Motte, *Pierre-Marie-Auguste Broussonet*, 1981).

<sup>21</sup> Cfr. Manuel Xavier de Vasconcelos Pedrosa, *Estudantes brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpellier no fim do séc. XVIII*, 1959, cit. in W. J. Simon, *ob. cit.* 1983, p. 119; e *Carta de Antoine Gouan a Domingos Vandelli* (Montpellier, 14 de Outubro de 1778), AHMB, CE/G -103).

<sup>22</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>23</sup> *Carta do Abade Nolin a Domingos Vandelli* (26 de Junho de 1779), AHMB, CE/N -4.

<sup>24</sup> O conde de Buffon (1707-1788) será, todavia, até morrer o seu responsável científico.



exactitude de sa part et que c'est uniquement pour le plaisir de la chose qu'il travaille; J'ai donné, votre adresse en Hollande a Chevalier Stool homme fort connu, par son ouvrage sur les papillons exotiques, il a amplifié celui de Cramer et se propose d'y donner un nouvel suite, je l'ai aussi laissée a Bruxelles, a Chevalier Burtin, ancien medecin de feu le prince Charle, il donne au public des gravures fort interessantes des fossiles qui se trouvent dans les Pays Bas; l'un et l'autre sont très honnêtes personnes et je serai très satisfait, si je puis, par la, vous procurer quelques agréments"<sup>25</sup>. Os biógrafos de André Thouin (1747-1824) traçam dele um perfil muito semelhante ao do influente Joseph Banks e apresentam-no como um homem obstinadamente dedicado às suas funções botanistas no *Jardin du Roi*<sup>26</sup>. Apesar de ter sido eleito membro da Academia das Ciências e da Sociedade Real de Agricultura, a sua obra de investigação é praticamente inexistente, tendo-se distinguido sobretudo como administrador de políticas científicas do Estado francês, nomeadamente no sensível capítulo das relações externas de que é exemplo flagrante o bem conhecido caso da expedição hispano-gaulesa ao Perú e ao Chile (1777-1788)<sup>27</sup>. É este homem, culto e amável, que em Abril de 1783 se apresenta a Domingos Vandelli oferecendo uma agradável e frutuosa "correspondance d'échanges entre le Jardin Royal de Botanique de Paris" e o da Ajuda, propondo um método prático para a sua concretização através da troca de Catálogos: "Veuillez donc je vous prie, monsieur, pour commencer m'inscrire un Catalogue de tous les objets que vous desirez, ou ce qui serait mieux, me faire passer le Catalogue de tout ce que renferme votre jardin, par-ce qu'alors il me sera aisé de voir ce que vous possédez et de vous envoyer ce qui vous manque"<sup>28</sup>. Anos depois, em 1791, agradecerá ainda a gentileza do envio de duas obras vandellianas – o *Viridarium Lusitanicum* e a *Flore Portugaise et Brasiliene* – que, confessa, "m'ont fait le plus grand plaisir"<sup>29</sup>.

Em meados dos anos oitenta, outra excepcional personalidade do meio científico francês – o Secretário Perpétuo da Sociedade Real de Agricultura de Paris, Pierre-Marie-Auguste Broussonet (1761-1807)<sup>30</sup> –

<sup>25</sup> Carta de G. G. Renault a Domingos Vandelli (Paris, 7 de Abril de 1783), AHMB, CE/R -30.

<sup>26</sup> J. Jovet e M. Mallet, *André Thouin*, 1981; e Ferdinand Boyer, *Le Muséum d'Histoire naturelle à Paris et l'Europe des sciences sous la Convention*, 1973. Veja-se ainda Y. Letouzey, *Le Jardin des Plantes à la croisée des chemins avec André Thouin (1747.1824)*, Paris, Muséum national d'histoire naturelle, 1989, cit. in Dominique Poulot, *ob. cit.*, 1997, p. 219.

<sup>27</sup> Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, pp. 161-165).

<sup>28</sup> Carta de André Thouin a Domingos Vandelli (Paris, 8 de Abril de 1783), AHMB, CE/G -104.

<sup>29</sup> Carta de André Thouin a Domingos Vandelli (Paris, 25 de Março de 1791), AHMB, CE/G -105.

<sup>30</sup> Vide a sua biografia científica, com referência ao conhecido episódio de se ter refugiado em

plaisir de la chose  
a Chevalier Stool  
exotiques, il a am-  
ouvel suite, je l'ai  
nedecin de feu le  
ressantes des fossi-  
ont très honnêtes  
procurer quelques  
(1824) traçam dele  
nks e apresentam-  
is funções botanis-  
o da Academia das  
a de investigação é  
do como adminis-  
omeadamente no  
lo flagrante o bem  
e ao Chile (1777-  
1 de 1783 se apre-  
e frutuosa "corres-  
ue de Paris" e o da  
etização através da  
, monsieur, pour  
que vous desirez,  
ie de tout ce que  
le voir ce que vous  
. Anos depois, em  
bras vandellianas -  
iene - que, confes-

(personalidade do  
Sociedade Real de  
t (1761-1807)<sup>30</sup> -

1783), AHMB, CE/R -

*Muséum d'Histoire natu-*  
se ainda Y. Letouzey, *Le*  
7, 1824), Paris, *Muséum*  
*it.*, 1997, p. 219.

3), AHMB, CE/G -104.  
(1791), AHMB, CE/G -

io de se ter refugiado em

dirige-se a Vandelli dando-lhe conta de ter sido feito sócio correspondente com base, como explica, nas suas 'descobertas em economia rural'. Termina com um caloroso apelo para que o italiano permita a publicação dos seus textos pela Sociedade parisiense<sup>31</sup>. De seu nome completo Charles Louis L'Heritier de Brutelle, este outro correspondente do Director da Ajuda parece ter sido personagem apaixonante mas controversa, a ponto de ter estado na origem de um conflito diplomático-naturalista entre a França e a Espanha. Antes de se arruinar completamente, a sua imensa fortuna permitia-lhe cultivar a Botânica em dois jardins de propriedade pessoal, um em Paris e outro na Picardia. Mantinha a expensas próprias um grupo de jovens recolectores que percorriam o país a fim de saciarem o seu afã de coleccionador de plantas, incluindo até alguns desenhadores-botânicos como o afamado pintor floral Pierre Joseph Redouté<sup>32</sup>. Duas cartas a Vandelli testemunham uma infatigável actividade de divulgador de novas espécies solicitando o envio da variedade lusitana do *Geranicum* sobre a qual preparava uma monografia. Na primeira das missivas, faz referência ao envio de uma obra sua - certamente a *Stirpes Novae* (1784), cuja publicação deixara um halo de escândalo por utilizar informações, consideradas confidenciais, sobre a flora peruana - por intermédio de um antigo discípulo de Vandelli em Coimbra, o médico Manuel Arruda da Câmara (1752-1810): "(...) J'ai toujours eu le desir de vous offrir mon ouvrage (...) Je profite aujourd'hui du depart de M. da Camera docteur en Medicine de Montpellier et Correspondent de notre Societé d'Agriculture pour vous en dresser les premiers Cahiers. (...) M. Ferreira da Camara retounera (...) au Bresil sa patrie, ou il se propose de s'occuper d'histoire naturele, et de faire de son mieux pour la Botanique. Je pense qu'il deviendra un homme precieux pour son pays et a ce titre j'ose vous prier de l'accueillir et favoriser"<sup>33</sup>.

Brotero, nos anos oitenta, tinha frequentado os museus, os jardins botânicos e as universidades francesas, ali tendo obtido o doutoramento em Medicina e publicado a sua primeira obra botânica antes de ingressar

---

Portugal (1794), sendo acolhido na Academia das Ciências pelo Abade Correia da Serra, situação que alegadamente terá ocasionado dissabores políticos ao naturalista português, podendo estar na origem do seu segundo exílio (Jean Motte, *Pierre-Marie-Auguste Broussonet*, 1981). Broussonet foi também o fundador da Sociedade Linneana, em Paris (1787-1789).

<sup>31</sup> Cfr. *Carta de Broussonet a Domingos Vandelli* (31 de Agosto de 1785), AHMB, CE/B -78.

<sup>32</sup> Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, pp. 165-167.

<sup>33</sup> *Carta de Heritier a Domingos Vandelli* (Paris, 21 de Junho de 1786 e 31 de Outubro de 1787), AHMB, CE/H 30, 31 "J'imprime en ce moment une monographie sur le Geranicum. Vous serait-il possible de me procurer des especes indigines au Portugal?" (*Carta de Heritier a Domingos Vandelli* (Paris, 31 de Outubro de 1787), AHMB, CE/H 31).

na Universidade em substituição de Vandelli<sup>34</sup>. Correia da Serra nos primeiros anos de oitocentos apregoava sentir-se melhor em Paris – onde os periódicos científicos lhe acolhiam os festejados artigos de Carpologia – do que na Pátria, chegando a confessar querer passar os seus últimos anos de vida naquele paraíso terrestre: “Aqui achei o que podia desejar para os poucos dias que me restam de viver. O Jardim das Plantas, muito aumentado, o Gabinete de História Natural formosamente arranjado, pelo que toca à ciência, formosa livraria e vinte e três naturalistas e letrados vivendo dentro do novo Jardim das Plantas e edifícios pegados a ele. Conversação, lições gratuitas, objectos para examinar, luzes novas e curiosidades satisfeitas cada dia. Se houvesse cousa, que se parecesse com os Campos Elísios, é esta e por certo depois do que tenho visto seria absurdo desejar outra coisa. Me voici donc jusqu’à la mort, nas visinhanças do Faubourg S. Victor...”<sup>35</sup>.

Até que ponto este privilegiado relacionamento intelectual fundamentava bem o conhecimento da França sobre a nossa realidade *naturalista* pode ser avaliado pela cópia de pormenores insertos na carta que Antoine Laurent de Jussieu (1748-1836) – uma das maiores personagens do meio científico gaulês e membro de famosa ‘dinastia’ de botânicos – dirige ao ministro Sousa Coutinho, em 1802, sugerindo-lhe a passagem das ligações científicas a patamar mais elevado de colaboração<sup>36</sup>. Jussieu considerava elogiosamente D. Rodrigo como o “Protecteur en Portugal” das ciências e, como tal, favorecedor da correspondência entre os que a cultivam com o fito de que “Il en résulte une communication de lumières utiles à tous”. Como consequência nefasta da ausência de mútuos contactos entre os meios científicos europeus apresentava o exemplo, então muito comentado, da publicação que se prepararia em Madrid sobre a botânica do Perú, obra onde – argumentava Jussieu – os seus autores “donnent quelque fois comme nouveaux des genres déjà connus parce qu’ils n’ont pu visiter auparavant les Herbiers des Français et des Anglois”. Para evitar que o mesmo sucedesse no caso da flora brasileira (considerada mais variada que as do Perú e do Chile) propunha ao ministro responsável pelo complexo da Ajuda “faire extraire des échantillons

<sup>34</sup> Cfr. Noticia biographica do doutor Félix de Avellar Brotéro, 1847; e Abílio Fernandes, *Félix de Avelar Brotero e a sua obra*, 1944.

<sup>35</sup> *Carta de Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho* (11 de Junho de 1802), apud A. da Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948.

<sup>36</sup> *Carta de Antoine Laurent de Jussieu a D. Rodrigo de Sousa Coutinho* (17 de Julho de 1802), apud Baltasar Osório, *Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d’Avelar Brotero*, 1918, pp. 179-180. Existe também uma carta, em Latim, dirigida a Vandelli nos anos oitenta: *Carta de Antoine Laurent de Jussieu a Domingos Vandelli* (30 de Junho de 1786), AHMB, CE/D -22.

reia da Serra nos  
or em Paris – onde  
igos de Carpologia  
sar os seus últimos  
que podia desejar  
das Plantas, muito  
samente arranjado,  
naturalistas e letra-  
çios pegados a ele.  
nar, luzes novas e  
e se parecesse com  
e tenho visto seria  
mort, nas visinhan-

intelectual funda-  
sa realidade *natura-*  
sertos na carta que  
maiores personagens  
stia' de botânicos –  
ndo-lhe a passagem  
laboração<sup>36</sup>. Jussieu  
ecteur en Portugal”  
ncia entre os que a  
ication de lumières  
de mútuos contac-  
o exemplo, então  
em Madrid sobre a  
u – os seus autores  
d'jà connus parce  
les Français et des  
o da flora brasileira  
propunha ao minis-  
re des échantillons

847; e Abílio Fernandes,

Junho de 1802), apud A.

ho (17 de Julho de 1802),  
acerca da vida e obra de  
arta, em Latim, dirigida a  
Domingos Vandelli (30 de

bien numérotés des Herbiers (...) qui doivent exister dans vos Collections d'Histoire Naturelle, avec l'attention d'attacher des numéros pareils aux individus semblables”. A partir daqui seria possível estabelecer uma nomenclatura uniforme, através da comparação com as classificações adoptadas no Jardim das Plantas parisiense. Seria assim possível envolver os “Savants de Lisbonne” num programa de observações comum e “Il en resulterait un rapport exact entre les Herbiers des deux pays”, ou seja a construção em parceria de um instrumento científico essencial ao campo disciplinar da Botânica.

É por isso indesmentível que até à imposição de um relacionamento de dominação belicista existe uma tradição de permuta científica, um fluxo epistolar que circula em ambos os sentidos longamente alimentado e acarinhado na Ajuda, em Coimbra, em Paris, em Montpellier e que será, de resto, lentamente retomado depois da aventura espúria do imperialismo napoleónico<sup>37</sup>. A primeira manifestação deste conceito de diplomacia agressiva fora eloquentemente ensaiada em Lisboa pelo embaixador Jean Lannes (1802-1804) cuja proverbial venalidade o implicou numa política de rapacidade no Museu régio da Ajuda em proveito próprio, já que não se encontram rastros em qualquer museu francês das sucessivas requisições de produtos impostas às autoridades portuguesas<sup>38</sup>: “Relação dos passaros que se remetterão deste Real Muséo no dia 17 de Outubro de 1803 a M. Lanes [sic] (...) NB. Estes 31 Passaros acima mencionados, forão os que se tirarão dos dois Armarios grandes, que vierão do Rio de Janeiro; e se receberão no dia 17 de Junho de 1803. (...) Estes 73 Passaros erão os que se achavão em hum dos dois Armarios de vidraças com 4 arvores; em cujo dito Armario forão os referidos Passaros acondicionados juntamente com os 31 que se tirarão dos dois Armarios vindos do Rio de Janeiro (...) Remetterão-se mais ao dito Embaixa-

<sup>37</sup> O restabelecimento de normais relações científicas entre Lisboa e Paris pode ser comprovada por fontes muito abundantes e esclarecedoras, nomeadamente pelo testemunho de viajantes franceses depois das guerras peninsulares, empenhados em repor a credibilidade, muito abalada, dos seus cientistas envolvidos nas políticas napoleónicas (Cfr. Charles-Victor d'Hautefort, *Coup-d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814*, 1820; Louis-François de Tollenare, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971).

<sup>38</sup> Mesmo uma recente obra (escrita em francês e publicada por um departamento público português, com a co-autoria de prestigiado cientista português entretanto falecido), apesar de lamentavelmente parcial, historicamente mal fundamentada, documentalmente muito pobre e comungando de uma inaceitável desculpabilização do saque de 1808, considera infeliz a atitude de J. Lannes influenciado, segundo os autores, pela cobiça da mulher que via nestes objectos retirados da Ajuda uma oportunidade de emular o gosto colecionista da primeira mulher de Napoleão, Josefina (1763-1814) (Cfr. Jacques Daget e Luiz Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*, 1989).

dor no dia 26 do mesmo mez de Outubro de 1803, cinco Passaros, que se tirarão dos armarios do Museu (...) Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 21 de Dezembro do mesmo anno 15 Passaros (...) Remetterão-se mais ao referido Embaixador no dia 7 de Maio de 1804, os 2 Passaros seguintes (...) [total] 126. (...) Relação das Conchas, que deste Real Museu se remetterão ao General Lasnes (...) no dia 13 de Março de 1804 [total] 1481 (...) Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 7 de Maio de 1804 as Conchas seguintes (...) [total] 2185”<sup>39</sup>.

Questão que se tem colocado com cíclica frequência – a propósito do esbulho das colecções naturais do Real Museu da Ajuda em 1803, 1804 e 1808 – é a de saber até que ponto terá influído decisivamente tanto na desarticulação da organização museológica (sendo responsável, em última análise, pela decadência e morte dos estabelecimentos), quanto no atraso verificado na investigação oitocentista em ciências da natureza. Se, em relação à primeira componente do binómio, parecem não restar muitas dúvidas de que assim terá acontecido (tanto mais que essa foi a unânime leitura produzida na época, face aos efeitos globais na sociedade portuguesa das invasões francesas e da saída da Corte para o Brasil) já no respeitante a uma ligação causa-efeito entre pilhagem de produtos e ausência de trabalho científico (opinião genericamente proveniente de naturalistas<sup>40</sup>), alimentamos a maior das reservas a propósito das limitações administrativas impostas ao nosso acanhado meio profissional. De facto é amplamente documentável, até em testemunhos de viajantes ingleses, a percepção de que a passagem do comissário francês conjugada

<sup>39</sup> *Relações Dos Productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao General Lasnes [sic], Embaixador da Republica Franceza nesta Corte*, (Agosto de 1803-Maio de 1804), AHMB, Geoffroy de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n.º 22. “O Principe Regente Nosso Senhor He Servido Mandar ratificar a V. M.ce a Ordem para a entrega das Collecções de Sementes, de Animaes, das Minas de Ouro do Brasil, e das Pedras preciosas do mesmo; e igualmente das Conchas, e das Madeiras do Brasil, que V. M.ce fez ao General Lasnes; e para sua salva, e guarda, participo a V. M.ce, de Ordem do mesmo Senhor esta ratificação. Deos Guarde a V. M.ce. Paço em 17 de Novembro de 1803. Visconde de Balsemão. Senr. Domingos Vandelli.” (*Carta do Visconde de Balsemão a Domingos Vandelli (17 de Novembro de 1803)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>40</sup> Apesar de ser uma opinião já enunciada por J. V. Barbosa du Bocage: “O célebre naturalista francês compreendeu a importância científica das collecções do Museu da Ajuda, compostas em grande parte de espécies que ali via pela primeira vez; escolheu portanto e fez transportar para Paris por ordem do General em chefe do exército invasor, todos ou quase todos os objectos que os compunham. As collecções que assim foram remetidas para França compreendiam perto de 1.600 exemplares zoológicos, diversos herbários muito interessantes do Brasil, Angola, Cabo Verde, Peru, Goa, Conchichina (este último do nosso célebre Loureiro); um grande número de minerais, quase todos metais preciosos e vários fósseis. Desta época data com a ruína total do nosso Museu a decadência das ciências naturais no nosso país; Brotero e Alexandre Rodrigues Ferreira não têm tido sucessor” (*Instrucções practicas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, 1862).

3, cinco Passaros, que  
erão-se mais ao dito  
anno 15 Passaros (...)  
a 7 de Maio de 1804,  
ção das Conchas, que  
res (...) no dia 13 de  
is ao dito Embaixador  
) [total] 2185”<sup>39</sup>.

quência – a propósito  
1 da Ajuda em 1803,  
nfluído decisivamente  
ca (sendo responsável,  
belecimentos), quanto  
1 ciências da natureza.  
o, parecem não restar  
to mais que essa foi a  
s globais na sociedade  
te para o Brasil) já no  
ragem de produtos e  
mente proveniente de  
propósito das limita-  
meio profissional. De  
inhos de viajantes in-  
rio francês conjugada

ção deste Real Museu ao Gene-  
; (Agosto de 1803-Maio de  
“O Príncipe Regente Nosso  
a entrega das Collecções de  
dras preciosas do mesmo; e  
ce fez ao General Lasnes; e  
smo Senhor esta ratificação.  
Visconde de Balsemão. Senr.  
agos Vandelli (17 de Novem-

locage: “O célebre naturalis-  
do Museu da Ajuda, com-  
vez; escolheu portanto e fez  
cito invasor, todos ou quase  
oram remetidas para França  
herbários muito interessan-  
ste último do nosso célebre  
is preciosos e vários fósseis.  
cia das ciências naturais no  
lo sucessor” (*Instrucções pra-  
ticos para o Museu de Lisboa,*

com a longa ausência do Rei provocara danos irreparáveis nesta, como noutras, repartições públicas<sup>41</sup>: “Adjoining the museum is a small botanical garden for exotic plants; but in this, as in every other department, the king’s absence at Rio has been productive of no amelioration, and pilfering of every kind has been carried on with impunity”<sup>42</sup>; “The royal museum at Belem, although ransacked by the French sçavans, still contains a magnificent assortment of stuffed birds and beasts, minerals, fossils, and other curiosities. The most valuable of them have been packed up, under the apprehension of a second visit from those rapacious virtuosi”<sup>43</sup>.

Há, no entanto, uma dimensão que não pode ser esquecida e que cremos constituir, essa sim, uma limitação estrutural e que é de ordem humana e material. Como poderia um programa de investigação naturalista (sabendo-se que empenharia, como no *Muséum* parisiense, equipas em labor quase vitalício) ser praticado num estabelecimento dirigido por um alquebrado septuagenário e por um doente crónico entrevado, sendo depois substituídos por um botânico jubilado da Universidade, debilitado por constantes enfermidades? Mais ainda: a estes dirigentes se reduzia o quadro de naturalistas profissionais com formação técnica superior; outros funcionários dispunham apenas de formação intermédia cumprindo funções de apoio (preparadores do museu, desenhadores e gravadores, jardineiros-botânicos).

Por outro lado, o contexto administrativo e financeiro durante os atribulados anos de 1808 a 1836 é de corte de despesas e de despedimento de pessoal, mantendo-se a tendência inaugurada pela administração Junot. Como denunciarão Vandelli e Brotero, muitos empregados do Museu e do Jardim Botânico abandonarão o seu posto de trabalho buscando na incorporação castrense ou na mendicidade a dignidade perdida<sup>44</sup>. É difícil, pois, imaginar que tal programa de pesquisa pudesse ter

<sup>41</sup> Também em Espanha parece terem sido muito extensos os efeitos das guerras peninsulares nos estabelecimentos museológicos e científicos: “La invasión napoleónica representa el inicio de una decadencia catastrófica de la ciencia española que afectó, en primer término, al propio *Gabinete* carolino, cuyas colecciones fueron expoliadas, con la consiguiente pérdida de piedras y productos de valor insustituible” (María Bolaños, *ob. cit.*, 1997, pp. 133-134).

<sup>42</sup> A.P.D.G. – *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character*, 1826, p. 85. Também a mordacidade nacional deixou expressa uma contundente crítica à pilhagem dos museus da Ajuda (e do Maynense): “Seria razão enviar esta raridade [a água napoleónica] em algum dos caixotes que estavam destinados para transportar o Museo Régio e o Mainense. (...) Mandou [Junot] que o Depósito Público, o qual se tinha mandado para bordo da nau Vasco da Gama tornasse para a sua antiga Casa ao Largo do Pelourinho; assim como o Real Museo para a Quinta de Belém donde tinha saído, havia poucos” (João Braz d’Oliveira, *Uma recordação dos tempos de Junot – a Gazeta d’Almada* (1808), pp. 34, 35, 39).

<sup>43</sup> William Granville Eliot, *A treatise on the defence of Portugal*, 1811, p. 175.

<sup>44</sup> Cfr. Requerimento de Domingos Vandelli para obtenção de sege, s/d, [1808] ANTT,

sido cumprido entre nós mesmo que as colecções que legitimamente pertenciam aos que as tinham esforçadamente colectado não tivessem sido sonegadas em proveito de outra comunidade museológica e científica que, provida de poderosos meios, as descreveu, classificou e incorporou como suas<sup>45</sup>.

---

Ministério do Reino, Maço 279, Cx. 372, 1801-1818; Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833; Ofício de Brotero a Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Agosto de 1823), ANTT, M. do Reino, Maço 444, Cx. 555); Representação de Félix de Avelar Brotero ao Bispo de Viseu (17 de Março de 1827), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833; Ofício do Escrivão da Fazenda do Real Museu ao Conde de Basto (8 de Agosto de 1831), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833.

<sup>45</sup> É possível, nesta perspectiva, estender a Portugal a certa análise do botânico inglês David Don: "Tal vez ningún pueblo há realizado mayores sacrificios por la ciencia como la nación española. Sus expediciones y viajes de descubrimiento se llevaron a cabo con la mejor munificencia y en extensiva escala; desafortunadamente sus resultados tuvieron poca posibilidad de ser conocidos por el mundo científico" (Cit. in María Bolaños, *ob. cit.*, 1997, p. 135).